

A Praça Euclides da Cunha, a paisagem sertaneja materializada em um jardim histórico moderno e patrimônio cultural do Brasil

Joelmir Marques da SILVA*

Resumo: A Praça Euclides da Cunha foi e ainda é um espaço público que provoca inquietações nos recifenses por seu motivo projetual – o sertão, que no imaginário coletivo está vinculado a uma região de sofrimento. Porém, Burle Marx soube majestosamente trabalhar os atributos ecológicos – ao recriar o microclima do sertão em uma zona litorânea – e plásticos da vegetação da caatinga. Assim, a Praça Euclides da Cunha é o único espaço público do Brasil com tais características e, por seus valores estéticos, botânicos, artísticos, históricos, ecológicos e paisagísticos é reconhecida como jardim histórico e como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Por sua importância no cenário do paisagismo mundial, intencionou-se, neste artigo, resgatar a história da Praça Euclides da Cunha que servirá de instrumento para intervenções de restauro, garantindo que não se cometa um falso histórico ou artístico.

Palavras-chave: Burle Marx. Recife. Pernambuco. Caatinga. Botânica histórica. Arte. Paisagismo.

The Euclides da Cunha Square, the sertaneja landscape materialized in a modern historic garden and cultural heritage of Brazil

Abstract: The Euclides da Cunha Square was and still is a public space that provokes uneasiness in the inhabitants from Recife for its design motif – the “*sertão*” (semi-arid region/hinterland in the Northeast of Brazil), that in the collective imagination is linked to a region of suffering. However, Burle Marx was able to work majestically on ecological attributes – by recreating the microclimate of the *sertão* in a coastal area – and plastic attributes of the *caatinga* vegetation. Thus, the Euclides da Cunha Square is the only public space in Brazil with such characteristics, and, because of its aesthetic, botanical, artistic, historical, ecological and landscape values, it is recognized as a historic garden and as a cultural heritage by the National Institute of Historic and Artistic Heritage (Iphan). Due to its importance in the global landscape scenario, this article aims to rescue the history of

* Pesquisador Doutor. Laboratório da Paisagem – Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do *International Council of Monuments and Sites* (Icomos-Brasil). Avenida da Arquitetura, s/n, Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, CEP 50740-550, Recife-Pernambuco-Brasil. joelmir_marques@hotmail.com

Euclides da Cunha Square, which will serve as an instrument for restoration interventions, ensuring that no historical or artistic falsehood is committed.

Keywords: Burle Marx. Recife. Pernambuco. *Caatinga*. Historical botany. Art. Landscaping

O jardim em todos os tempos, entre todos os povos, surgiu nos momentos máximos de suas respectivas civilizações. Não houve povo que evoluindo não se congregasse em cidade. Não houve cidade que evoluindo não contivesse jardins.

Roberto Burle Marx, Diário da Manhã, 1935, p.1.

A cidade do Recife foi o berço da criação dos primeiros jardins públicos de caráter moderno do Brasil com a atuação do paisagista Roberto Burle Marx, no período de 1935-1937. À frente do Setor de Parques e Jardins da então Diretoria de Arquitetura e Urbanismo do governo do estado de Pernambuco, Burle Marx elaborou um plano de aformoseamento, contemplando desde projetos completos a pequenas intervenções, que abrangeu treze jardins públicos. Desse conjunto de jardins, a Praça Euclides da Cunha (1935) e a Praça de Casa Forte (1935) configuraram-se como os primeiros jardins públicos da carreira de Burle Marx.

No que se refere à Praça Euclides da Cunha, objeto de análise deste artigo, Burle Marx a concebe inspirado na paisagem sertaneja. Nela, as espécies da caatinga pernambucana (*Lato sensu* e *Stricto sensu*) ganharam identidade paisagística. A fitoassociação realizada por Burle Marx, tanto de caráter ecofisiológico como plástico, deu à praça, e como ele mesmo especificou, um caráter ecológico; primeiro por representar um recorte do ecossistema da caatinga e, segundo, por ter respeitado as condições edafoclimáticas de cada espécie. Com a criação da praça o paisagista objetivou semear a alma brasileira, ou seja, um jardim essencialmente brasileiro e que até hoje se configura como o único espaço público com tais características.

Ao tratar do modernismo nos jardins de Burle Marx, Sigfried Giedion – em *Le Brésil et l'architecture contemporaine* (1952) – afirma que ele pautou-se em variados critérios e, além de estar estritamente vinculado ao seu tempo, não negligenciou o passado, ou seja, a memória do lugar. Outra característica a ser evidenciada está no emprego da vegetação autóctone atrelada a uma reflexão sobre a brasilidade – tão discutida na Semana de Arte Moderna, de 1922.

Para Burle Marx, a planta tem a conotação de ser o elemento principal do jardim que, por sua vez, caracteriza a função *artística*, *higiênica* e *educativa*. E foi com esses princípios que os jardins do Recife foram projetados.

Ao considerar a planta como elemento principal, Burle Marx cria seus jardins no mesmo princípio da Carta de Florença, a carta dos jardins históricos, publicada em 1981, que considera um jardim histórico como “uma composição arquitetônica cujos constituintes são principalmente vegetais e, portanto, vivos, o que significa que eles são perecíveis e renováveis” [art. 2]. O fato de ser perecível e renovável significa dizer que a fisionomia do jardim está em constante transformação, seja pelo movimento cíclico da natureza – criando formas, volumes e cores –, seja pela substituição periódica da vegetação.

Ainda na carta supracitada, mais precisamente em seu art. 1º, “um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público. Como tal é considerado monumento”. Essa condição de monumentalidade se adéqua perfeitamente à Praça Euclides da Cunha, diante dos princípios artísticos, ecológicos e educativos que o paisagista adotou.

Toda essa efemeridade do jardim, reforça a condição de tratá-lo como um palimpsesto. A história do jardim, que se vai revelando pelo estudo historiográfico é uma condição primordial para as ações de gestão da conservação. É a história que nos conduz a uma realidade e não nos permite cometer um falso histórico e/ou artístico no ato, por exemplo, do restauro.

O legado jardinístico de Burle Marx na cidade do Recife é tão significativo para o cenário paisagístico internacional que, em 2008, o Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco solicitou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) o tombamento de seis jardins, os mais representativos, como patrimônio cultural nacional, que incluiu a Praça Euclides da Cunha, e que só foi possível mediante a elaboração do *Inventário dos Jardins de Burle Marx do Recife*¹. O Tombamento oficial foi declarado em 2014 e publicado no Diário Oficial da União em 20/11/2014 e os incluiu nos livros do *Tombo Histórico, de Belas Artes* e no *Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico*, contudo, é só em 13/06/2017 que ocorre a inscrição de modo efetivo. Ressalta-se que, em 2016, mediante o Decreto nº 29.537 de 23/06/2016, a Praça Euclides da Cunha, juntamente com mais quatorze sítios, foi classificada como jardim histórico pela Prefeitura do Recife².

2 Por uma historiografia da Praça Euclides da Cunha

O projeto do jardim da Magdalena [...] é o plano ideal, que todos os amigos da cidade, de inteligência e de bom gosto veem pleiteando a pura perda a tempos para o Recife. [...] O sr. Burle Marx quer plantar no jardim da Magdalena [...] um ambiente puramente nordestino. [...] plano de um homem inteligente e de sensibilidade. (COUSAS..., 1935, p. 2).

Na área onde deveria ser implementado por Burle Marx o projeto da Praça Euclides da Cunha [também denominado de Jardim do Bemfica, Cactário da Madalena e Jardim das Cactáceas], já existia um parque fruto da remodelação urbana do Largo do Bemfica. Para o ajardinamento do parque, o então prefeito do Recife, Antonio de Góis Cavalcanti (1931-1934), e o Diretor de Obras Públicas Municipais, o engenheiro José Estellita, decidem abrir um concurso público para a seleção de um projeto para o que denominou *Jardim do Largo do Bemfica*, com uma área de 5.000m².

Faço publico para que chegue ao conhecimento dos interessados que se acha aberta até o dia 20 de outubro do corrente [1931], na Diretoria de Obras da Prefeitura a concorrência de projetos para um jardim para o Largo do Bemfica, Madalena. Os concorrentes subordinarão os seus projetos aos serviços já realizados na praça cuja planta será fornecida pelo escritorio técnico (PROJETO..., 1931, p. 5).

O projeto vencedor foi de autoria do arquiteto Georges Munier, sendo representado pela firma *J. Brandão & Magalhães*. Nele, consta a implementação de um coreto de charangas no centro do jardim, uma vasca, uma fonte e uma fileira de 15 árvores na parte oeste do jardim. A edificação da estação elevatória, construída em 1915 pelo engenheiro sanitaria Francisco Rodrigues Saturnino de Brito, que fazia parte do sistema de esgoto do Recife (Figura 1), foi levada em consideração e o acesso a ela foi estabelecido por um canteiro (PROJETO..., 1931).



Figura 1: Estação elevatória.

Fonte: Relatório Saneamento de Recife de Saturnino de Brito, 1917, v. 2. Acervo da Biblioteca Almeida Cunha, Iphan.

Até o momento não se sabe até que ponto o projeto foi executado, já que a matéria *A esthetica da cidade* publicada no Jornal Pequeno em 1932 denunciava a paralização das obras de remodelação do Largo do Bemfica e destacava que a área tinha se convertido em um espesso matagal, com um jurubebal [referente à espécie *Solanum paniculatum*] denso e grande. Contudo, a matéria *Cousas da Cidade: parques infantis*, publicada no Diário de Pernambuco de 02/06/1935, relata que “[...] o Largo do Bemfica, que teria ficado terminado em seis meses, virou obra de Santa Engracia. Os brinquedos dos jardins foram destruídos.” (p. 2).

Contudo, em 14/03/1935, Burle Marx publica, na matéria *Jardins e Parques do Recife: Roberto Burle Marx para o Diário da Tarde*, suas intenções projetuais para a Praça Euclides da Cunha: “Urge que se comece, desde já, a semear, nos nossos parques e jardins, a alma brasileira. Foi com esse pensamento que resolvemos estudar para o Largo do Viveiro, na Magdalena, um jardim que [...] nos deixasse ver também alguma coisa de nossa flórea tão curiosa do Nordeste brasileiro: os cactos.” (p. 1). Nas palavras do paisagista, a “[...] obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, influiu fortemente em minha decisão de construir o cactário da Madalena.” (MARX, 1987, p. 73).

Euclides da Cunha, ao tratar da brasilidade, se refere à pureza atrelada ao sertão, uma vez que as cidades do litoral se configuravam como sombrias e promíscuas, o que inviabilizava a construção da almejada brasilidade e, fazendo-se uso das palavras de Euclides da Cunha: “O sertão é o lugar do esquecimento” (CUNHA, 1909, p. 111). Foi esse esquecimento imposto pelo País ao sertão que propiciou condições da “criação” de um povo original que passou a expressar a alma nacional.

Além da questão social e geográfica, a obra *Os Sertões*, em sua subseção intitulada *As caatingas*, traz precisas informações sobre a paisagem típica da região abarcando aspectos florísticos, fitossociológicos, morfológicos, ecofisiológicos, da biologia floral e da interação planta-solo configurando-se como um compêndio botânico. Um exemplo disto encontra-se na seguinte passagem:

Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas, as caraíbas e baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris: ondeiam, móveis, avivando a paisagem, acamando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do alecrim-ostabuleiros, de caules finos e flexíveis; as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e - dominando a revivescência geral - não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuzeiros alevantam

dous metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos. (CUNHA, 1909, p. 30).

Reunindo o conteúdo de *Os Sertões* com o conhecimento da ecologia, sobretudo no que se refere aos grupos ecológicos, adquirido no Jardim Botânico de Dahlem, na Alemanha, diante da classificação do botânico Heinrich Gustav Adolf Engler, Burle Marx projeta um jardim, como ele mesmo determinou, *de caráter ecológico*. Com a criação da Praça Euclides da Cunha, o paisagista objetiva “[...] doar a Pernambuco um jardim em que se achem aliadas a higiene e a arte, ao par da educação e cultura [...]” (JARDINS..., 1935, p. 1).

Além da leitura de *Os Sertões* e da experiência vivida no jardim botânico de Dahlem, outro momento importante foi o contato que Burle Marx teve com o casal Gregori e Mina Warchavchik, que juntos desenharam os jardins para as edificações projetadas por Gregori.

Um exemplo é o jardim da residência Warchavchik na Rua Santa Cruz, em São Paulo, de 1927, que conforme Gregori Warchavchik possui um “[...] caracter tropical [...] contém riquezas de plantas typicas brasileiras.” (A PRIMEIRA..., 1928, p. 3), nele as espécies, principalmente de cactáceas, que ocorrem no sertão, aparecem carregadas de simbolismo “[...] emoldurados por cactos e palmeiras são duma originalidade esplendida e dão ao conjunto uma nota feliz de tropicalismo e disciplina” (MODERNIZA-SE..., 1928, p. 8). Os jardins foram considerados como uma das principais tentativas de abasileiramento (Figura 2).

No entanto, os ideais de Burle Marx transcendiam claramente aos de Gregori e Mina Warchavchik, ao somar o caráter cultural de construção de novos valores e percepção perante os elementos da paisagem nordestina. Segundo Dourado (2000), a questão científica de atentar para as questões botânicas e ambientais era algo ausente nos trabalhos do casal Warchavchik.



Figura 2: Casa modernista projetada por Gregori Warchavchik, em 1927, com jardim de cactáceas projetado por Gregori e Mina Warchavchik, São Paulo.

Fonte: Ilustração Brasileira, 1929, p. s/p.

Ao projetar a Praça Euclides da Cunha, Burle Marx buscou semear a alma brasileira, no entanto, evocar a brasilidade naquele momento significava uma oposição estrutural entre o campo e a cidade.

A planta baixa do projeto paisagístico da Praça Euclides da Cunha não foi encontrada, porém nos arquivos do Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx, no Rio de Janeiro, encontra-se um conjunto de croquis que expressam a intenção projetual do paisagista para a praça.

Pelo croqui, mostrado na Figura 3, percebe-se a intensidade de vegetação que seria distribuída em toda a extensão da área, em pleno diálogo com o monumento – “um homem de tanga” – como Burle Marx denominou no artigo *Jardins e Parques do Recife: Roberto Burle Marx para o Diário da Tarde* de 1935. A forma elíptica da praça obedeceu à proposta do plano de remodelamento do largo do Bemfica, como se pode ver na Figura 4, de 1935, do momento da implementação do projeto de Burle Marx.

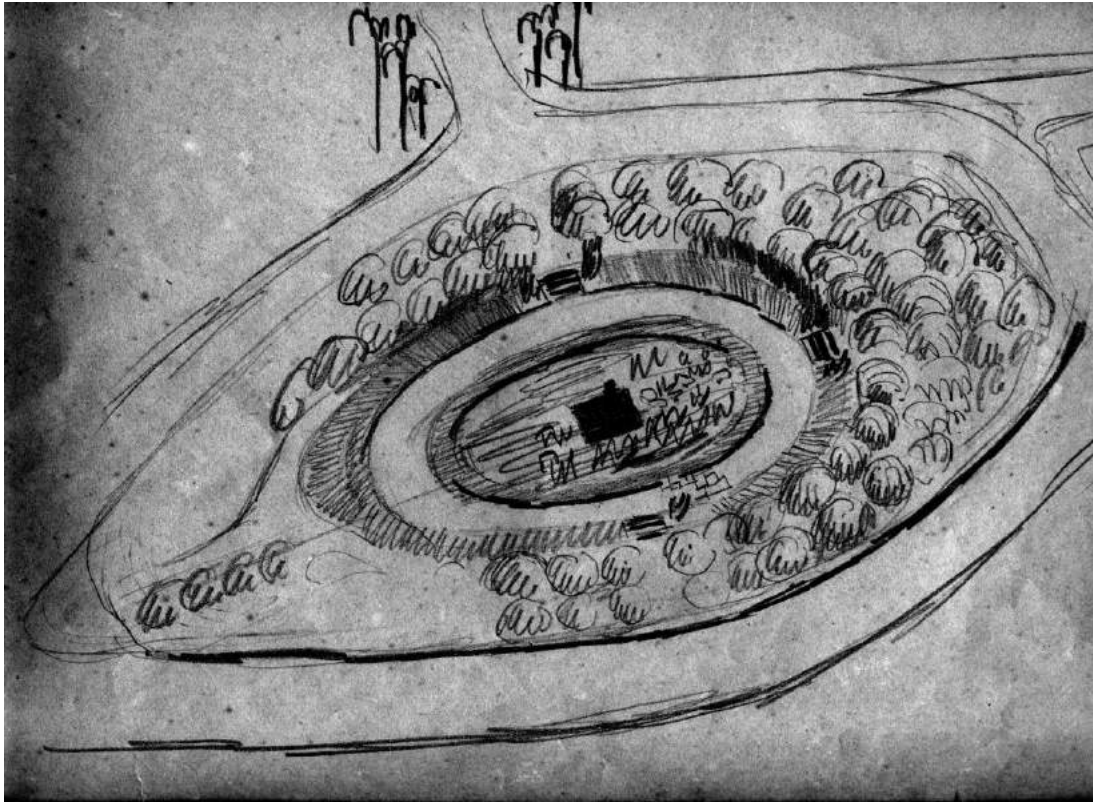


Figura 3: Praça Euclides da Cunha. Croqui do projeto paisagístico por Roberto Burle Marx, 1935.
Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx.

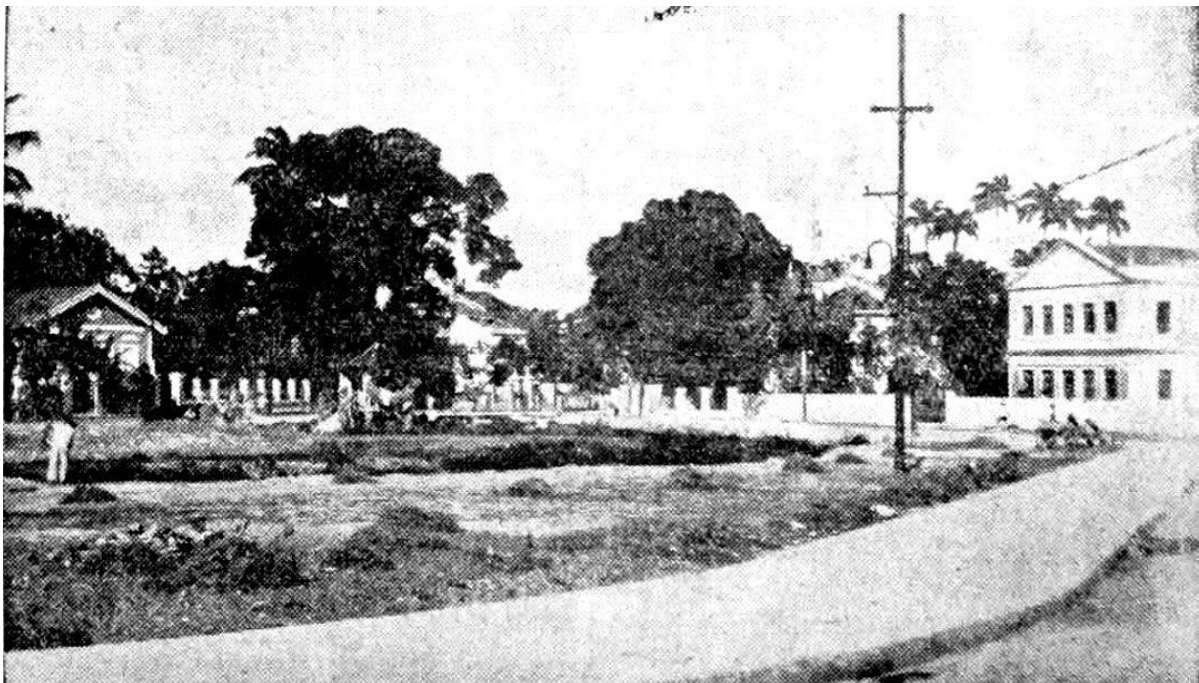


Figura 4: Início da construção da Praça Euclides da Cunha.
Fonte: Diário da Manhã, 1935, p. 1.

A simetria da composição foi acentuada por um conjunto de palmeiras, que tinha a função de pórtico, localizado na entrada principal da praça direcionando o visitante à escultura do “[...] homem de tanga [...] do grande artista brasileiro Celso Antonio. [...] talhada em granito polido.” (MARX in JARDINS..., 1935, p. 1). A escultura se impõe sobre uma ampla área ajardinada com *Pilosocereus gounellei*, *Pilosocereus piauhyensis*, *Opuntia dillenii*, *Tacinga funalis*, *Melocactus bahiensis* e *Encholirium spectabile*. O *Cereus jamacaru* foi utilizado com a função de pórtico, nos três acessos para o cactário, preparando o olhar do visitante tanto para a vegetação como para a escultura (Figura 5).

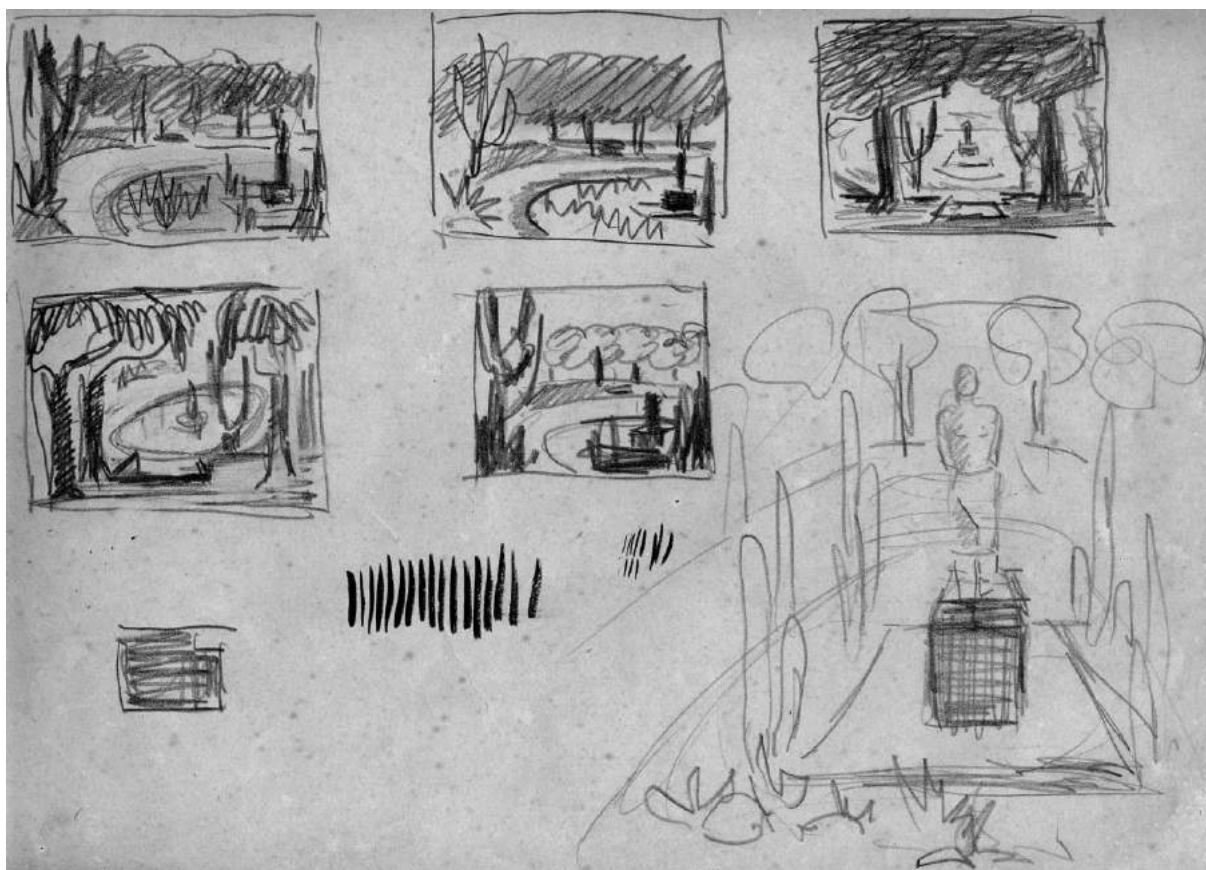


Figura 5: Praça Euclides da Cunha. Croquis de perspectivas por Roberto Burle Marx, 1935. Observa-se a valorização da escultura do *homem de tanga* como elemento central da composição.

Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx.

A escultura do homem de tanga, por vezes denominada de brasileiro do Norte por Burle Marx, por motivos políticos, não foi implementada no jardim, já que essa figura era a representação do sertanejo. Foi uma maneira que o paisagista encontrou de colocar em destaque um povo esquecido. Sobre a escultura proposta em 1935, relata Burle Marx:

Fóra de qualquer idéa litteraria, possui ella o valor intrinseco de ser verdadeira esculptura, quer pela força da sua forma, quer pela singeleza

das suas linhas. Além disso, si lhe quizermos emprestar um significado literario, ainda assim estará ali bem ambientada, pois concretiza, em sua expressão de força, a figura racial do brasileiro do norte em harmonia perfeita com o conjunto dos cactos tão constructivos e definidos em suas formas. (JARDINS..., 1935, p. 1).

Contudo, é só na década de 1960 que foi colocada na praça uma escultura de um vaqueiro em cimento áspero (Figura 6), de autoria do artista plástico Abelardo da Hora, então Diretor da Divisão de Praças e Jardins da Prefeitura do Recife na gestão de Pelópidas da Silveira (1955-1964). Segundo Abelardo da Hora, “[...] seus croquis teriam sido enviados para apreciação de Burlle Marx” (VELOSO e VIEIRA, 2009, s/p).



Figura 6: Escultura do sertanejo de autoria de Abelardo da Hora na Praça Euclides da Cunha. Década de 1960.

Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Ao expor suas intenções para a praça, Burle Marx enfatizou o componente vegetal justificando o uso de cada espécie na composição.

[...] tencionamos criar um cactario e reunir nelle o maior numero possivel de gêneros brasileiros da familia das cactáceas, como sejam: *Cereus*, *Melocactus*, *Opuntia*, *Pilocereus*, etc. blocos de pedra e plantas das famílias das Bromeliaceas e Euforbiaceas completarão o ambiente nordestino. Duas alamedas de arvores autochtonas do sertão, tais como: Unbuzeiros, Joazeiros, Páos d'arco, etc., envolverão a praça pela parte mais externa encontrando-se numa das extremidades onde formarão um pequeno bosque. Ter-se-á acesso ao passeio interno, por meio de tres pequenas escadas que acompanharão uma rampa grammada. Ao lado dessas escadas vistos alguns exemplares de cactos de grande porte." (MARX in JARDINS..., 1935, p. 1).

As intenções projetuais de Burle Marx podem ser entendidas por meio da análise de seus desenhos, publicados no *Diario da Tarde de 1935* (Figura 7), que possui um detalhamento incrível da morfologia externa das espécies, especialmente das herbáceas, facilitando tanto na identificação taxonômica, como no trabalho dos jardineiros durante a execução do projeto. A proposta de Burle Marx de dar acesso ao passeio interno por meio de três escadarias não foi realizada, como se pode notar na Figura 8. A área do cactário teve a cota elevada, possivelmente por uma questão de percolação, já que as espécies indicadas para essa área não suportam grande intensidade de água. Também é possível observar os espécimes plantados nas duas alamedas, e o *Cereus jamacaru* usado como pórtico.



Figura 7: Desenhos de Burle Marx para a Praça Euclides da Cunha.

Fonte: *Diario da Tarde*, 1935, p. 1.



Figura 8: Vista parcial da Praça Euclides da Cunha.

Fonte: Diário de Pernambuco, 1937, p. 10.

Percebe-se, além da questão artística, o caráter ecológico do jardim mediante a associação entre os indivíduos de mesma espécie e de espécies diferentes, bem como sua interação com o elemento mineral, as rochas, representando, desta forma, a paisagem da caatinga.

A defesa que Burle Marx fez da utilização da vegetação da caatinga no Recife não se baseia apenas em suas qualidades paisagísticas intrínsecas, mas sobretudo na adequação por ser nativa da região (GUERRA, 2002) e, conforme Jacques Leenhardt:

As plantas utilizadas provêm da região, mas elas jamais tiveram direito de cidadania na prática paisagística da época. A maneira de as apresentar é decisiva para a significação que elas terão no jardim. Burle Marx vai espalhar as cactáceas recolhidas por ele na caatinga, individualmente, no meio dos rochedos. Elas aparecerão como se cada uma delas levasse, na sua solidão e na sua forma, a memória do combate pela vida que teve no meio ambiente hostil onde cresceu (2006, p. 42).

Nas palavras de Joaquim Cardozo “[...] no jardim do Largo do Benfica, além das árvores sempre bem escolhidas, fez plantações de cactus e arbustos das caatingas pernambucanas [...] fornecendo ao morador do Recife uma visão do sertão seco do seu estado.” (2009, p. 171).

Para obter a paleta vegetal do Projeto original da Praça Euclides da Cunha foi realizada a identificação taxonômica dos espécimes presentes nos desenhos de Burle Marx e nas fotografias das décadas de 1930 e 1940 – mediante a técnica de fotointerpretação –, e uma compilação das espécies que constam nos discursos de Burle Marx, de Joaquim Cardozo e dos chefes de governo.

Como resultado, obteve-se um quantitativo de 23 espécies pertencentes a 19 gêneros e 10 famílias botânicas e também foi possível identificar o local de plantio de alguns indivíduos (Tabela 1 e Figura 9).

Tabela 1: Paleta vegetal histórica da Praça Euclides da Cunha.

Família/Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio Fitogeográfico*
AGAVACEAE			
<i>Agave sisalana</i>	Sisal	Herbáceo	Caatinga
ANACARDIACEAE			
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma pyriforme</i>	Pereiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
BIGNONIACEAE			
<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipê-roxo		Caatinga; Amazônia; Cerrado; Mata Atlântica; Pampa; Pantanal
<i>Handroanthus sp.</i>	Ipê		-
BROMELIACEAE			
<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira-de-flecha	Herbáceo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Hohenbergia catingae</i>	Bergia	Herbáceo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Neoglaziovia variegata</i>	Caroá	Herbáceo	Caatinga
CACTACEAE			
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Harrisia adscendens</i>	Rabo-de-raposa	Herbáceo	Caatinga
<i>Melocactus bahiensis</i>	Coroa-de-frade	Herbáceo	Caatinga; Cerrado
<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Arbustivo	Caatinga
<i>Pilosocereus piauhyensis</i>	Facheiro	Arbustivo	Caatinga
<i>Opuntia dillenii</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Opuntia inamoena</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Tacinga palmadora</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga
<i>Tacinga funalis</i>	Quipá	Arbustivo	Caatinga
FABACEAE			
<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Libidibia ferrea var. ferrea</i>	Jucá	Arbóreo	Caatinga; Carrasco; Floresta Estacional Decidual
<i>Poincianella pyramidalis</i>	Catingueira	Arbóreo	Caatinga; Amazônia
EUPHORBIACEAE			
<i>Cnidoscolus quercifolius</i>	Favela	Arbóreo	Caatinga
MALVACEAE			
<i>Ceiba glaziovii</i>	Paineira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro</i>	Joazeiro	Arbóreo	Caatinga

* Para a determinação do 'Domínio Fitogeográfico' tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil / Jardim Botânico do Rio de Janeiro.



Figura 9: Praça Euclides da Cunha. Interpretação da composição da vegetação conforme registros históricos (período: 1936 a 1945). Edição: Joelmir Marques da Silva, Eduarda Dantas e Wilson de Barros.

A grandiosidade do projeto da Praça Euclides da Cunha foi destaque em vários meios de comunicação. Na Revista *Ilustração Brasileira*, a matéria referiu-se às plantas da praça como sendo “esguias, espectraes” e afirma que vieram dos tabuleiros duros e das “caatingas áridas do sertão”, “[...] os mandacarus, chique-chiques, espinhentos, macambiras, côroas de frade [...] não dão sombras, não acolhem ninhos e os próprios frutos que sahem dos seus braços de esqueleto parecem feridas sangrentas [...]”, porém, ressalta que Burle Marx soube aproveitar essas plantas diferentes e originais que têm um estranho encanto, vegetais sem folhas, e realizou uma composição original (DOS TABOLEIROS..., 1936, p. 22). Já em *O Cruzeiro*, de abril de 1936, as obras de Burle Marx ganham destaque uma vez que “[...] os jardins de Pernambuco depois do toque mágico das mãos do artista constituem um espetáculo de bom gosto a quem ninguém poderá deixar de admirar.” (p. 27) (Figura 10).



Figura 10: Dois aspectos da Praça Euclides da Cunha, 1936. Pode-se observar a diversidade de espécies da caatinga, a exemplo da *Harrisia adscendens*, do *Pilosocereus piauhyensis*, do *Cereus jamacaru* e do *Encholirium spectabile*.

Fonte: O Cruzeiro, 1936, p. 26 e 27.

A Figura 11 apresenta uma vista parcial da praça em 1936, publicada no *Diário da Manhã* na qual é interessante notar o porte do *Cereus jamacaru*, que já possuía o cladódio³ lenhoso, o que leva a afirmar que eles foram plantados na praça em sua fase adulta, assim como ocorreu com algumas espécies arbóreas na Praça de Casa Forte. Na matéria, de caráter político, consta que a Praça Euclides da Cunha oferece uma “[...] visão sertaneja evocada das caatingas em plena cidade moderna.” (p. 8).

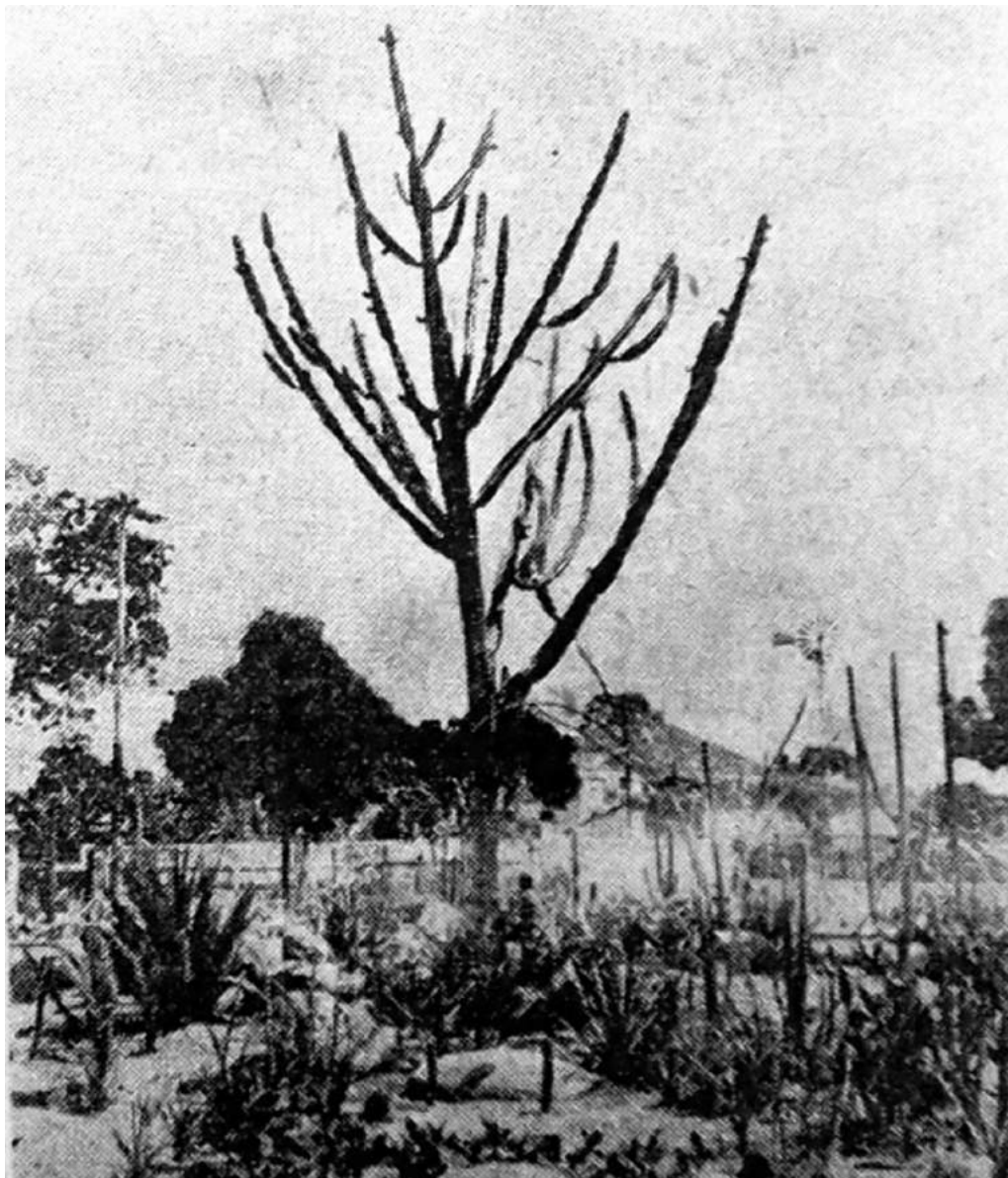


Figura 11: Praça Euclides da Cunha. Vista parcial do cactário com destaque para o *Cereus jamacaru*.
Fonte: Diário da Manhã, 1936, p. 8.

A grande questão projetual era como estabelecer um cactário, que também possuía bromélias, em uma zona litorânea. A exigência da luz solar foi atendida, já que o sol insidia diretamente no núcleo. As rochas, além de favorecer a representação da paisagem sertaneja também desempenhava o papel de reter e dissipar o calor contribuindo, assim, para o estabelecimento de um ambiente necessário para a sobrevivência dos cactos. A proteção contra os ventos que traziam a umidade foi feita com o uso de dois anéis de espécies arbóreas, mas com um critério ecológico. Com a disposição, de duas fileiras de árvores, a igual modo da Praça de Casa Forte, Burle Marx valoriza, conforme Dourado

(2000) e Mafra (2007), o centro do jardim pela iluminação zenital e cria um espaço centrípeto.

Quando entendemos o domínio morfoclimático e fitogeográfico, aspecto tão importante na visão de Burle Marx para um projeto de jardim, que no caso da Praça Euclides da Cunha é a Caatinga, é que percebemos o porquê de ele considerar a Praça Euclides da Cunha um jardim de caráter ecológico.

Para o anel da periferia, Burle Marx usa espécies que pertenciam à Caatinga *lato sensu*⁴, mas que também faziam parte da Mata Atlântica, da Amazônia e do Cerrado, assim, ele respeita o motivo da praça – a paisagem sertaneja – e a condição ambiental, uma vez que suportariam a umidade. No segundo anel, ele já emprega a vegetação arbórea típica da Caatinga *stricto sensu*⁵ (Figura 12).

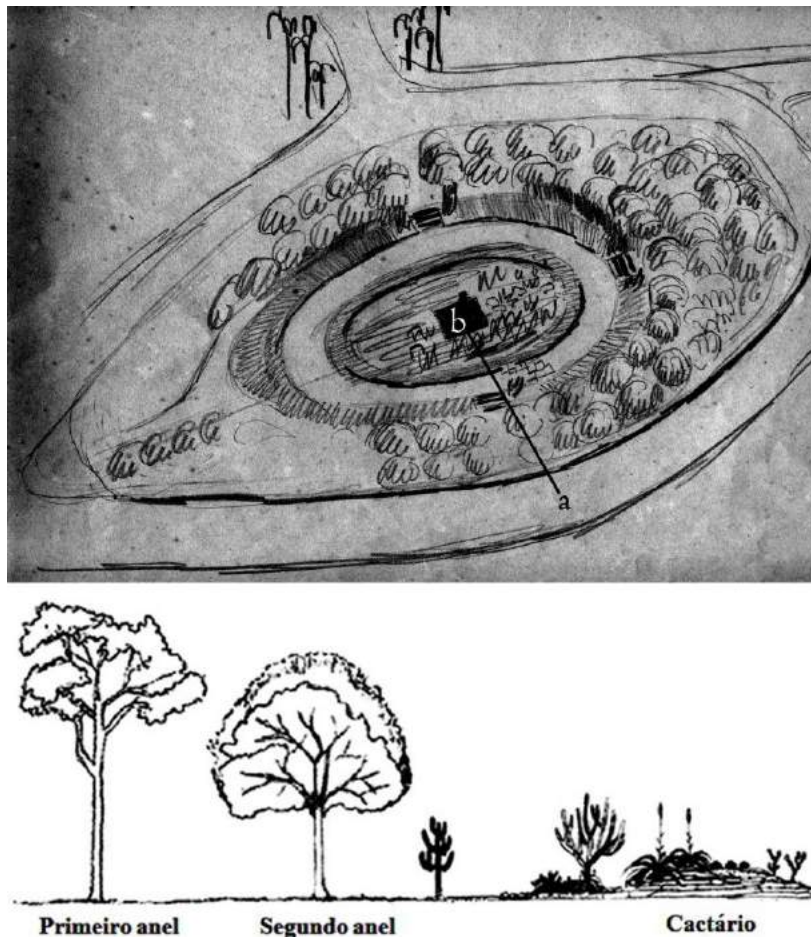


Figura 12: Praça Euclides da Cunha. Corte 'ab' mostrando o perfil da vegetação. Adaptação dos desenhos de Liana Mesquita para o estudo da vegetação da caatinga.

Assim, Burle Marx, não apenas introduz a vegetação, mas também estabelece uma correspondência entre as condições do nicho que ela ocupa e suas exigências ecofisiológicas. Isto só foi possível porque o paisagista buscou entender a planta em seu

habitat, compreender suas associações, sua importância fitossociológica, enfim, sua inserção no espaço cênico natural (aspectos edafoclimáticos) que, para o jardim, é fundamental, até mesmo porque, para Burle Marx fazer jardim é também criar microclimas.

O que chama a atenção é que, ao analisar a forma como Burle Marx agrupa as espécies na Praça Euclides da Cunha, levando em consideração as especificidades de cada uma, vem à tona a divisão claramente usada pelo povo sertanejo, ou seja, a Caatinga concebida em duas faixas de vegetação, dois tipos distintos de paisagem.

A classificação está baseada no grau de umidade. O agreste, possuidor de maior umidade por estar mais próximo ao mar e solo mais profundo, com vegetação mais alta e densa; e o sertão, mais seco, com solo raso e/ou pedregoso e vegetação mais baixa e pobre. O Sertão é a Caatinga no sentido habitual da palavra; é a Caatinga propriamente dita, seca e agressiva.

Não é de admirar que a concepção desse jardim, essencialmente brasileiro, que é a Praça Euclides da Cunha, não apenas se prenda ao caráter da vegetação, mas também ao saber valorizar uma cultura e um saber popular, ou seja, o olhar para o autóctone. A paisagem da Praça Euclides da Cunha pode claramente exemplificar o descrito acima. No entanto, é também essa classificação do povo sertanejo que aparece nos escritos de Euclides da Cunha, sobretudo em *Os Sertões*.

Além dos conhecimentos obtidos nas estufas do Jardim Botânico de Dahlem, é muito provável que Burle Marx tenha consultado as obras de Philipp von Luetzelburg⁶. Sua principal obra *Estudo botânico do Nortéste*, mais precisamente no volume III, apresenta descrições da *vegetação higrófila*⁷ e *megatérmica*⁸, *vegetação xerófila*⁹ com *árvores adultas*, *vegetação xerófila com árvores baixas*, *vegetação xerófila com árvores curtas e baixas*, *vegetação xerófila com elementos da caatinga e cactáceas* e *vegetação higrófila e hidrófila*¹⁰ sobre solo ácido e turfoso. Ainda é apresentada uma lista de espécie da flora fanerógama com os locais de coleta e uma tabela com a distribuição das espécies de cactáceas pelos estados do Nordeste do Brasil.

Outra obra importante de Philipp von Luetzelburg foi *Reisen in den Nordoststaaten Brasiliens und ihren kakteen-gebieten* publicada na revista *Zeitschrift für Sukkulantenkunde*, em Dahlem. Nesta obra, os aspectos da fitogeografia brasileira, e com especial atenção para a região Nordeste do Brasil – domínio da caatinga – são apresentados com uma grande riqueza de detalhes. A vegetação das áreas das secas do Nordeste é apresentada com sua respectiva abundância e ocorrência, especialmente para as cactáceas.

Em *Propostas para o reflorestamento do nordeste*, de 1933, von Luetzelburg descreve as antigas matas, muitas delas compostas por uma só espécie, bem como a

impossibilidade da regeneração natural por causa das alterações provocadas pela remoção da cobertura florestal (PAIVA, 2003).

No período que Burle Marx esteve em Pernambuco (1935-1937), Philipp von Luetzelburg também publicou os seguintes estudos: *Ligeira contribuição para o conhecimento dos chique-chiques das várzeas entra a barragem de São Gonçalo e a cidade de Souza no estado da Parayba* (1936) e *Contribuição para o conhecimento das “oiticas”* (1936). Nestas obras são apresentados, com muita profundidade, os aspectos taxonômicos e ecológicos de todas as espécies identificadas. Entre vários mapas elaborados por Philipp von Luetzelburg destaca-se o *Mapa das Cactaceas* no qual consta a presença das espécies nos estados do Nordeste do Brasil (Figura 13).



Figura 13: Mapa das Cactáceas elaborado por Philipp von Luetzelburg, década de 1920.
Fonte: Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. Ministério da Viação e Obras Públicas. Acervo: Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), cortesia da Dra. Aline de Figueirôa Silva.

As plantas da Caatinga assumiam, na época, uma posição ambígua – de ser nativa e exótica ao mesmo tempo. Nativa, por fazer parte de uma das mais belas formações florestais que temos no Brasil e em nenhum outro país; e exótica, por ser tão desconhecida e por que não dizer tão rejeitada pela sociedade. Diante disto, presume-se que a Praça Euclides da Cunha configura-se, até hoje, como o único espaço público brasileiro com tais características (Figura 14).



Figura 14: Praça Euclides da Cunha, meados da década de 1940. Percebe-se a presença do *Cereus jamacaru*, do *Pilosocereus piauhyensis*, do *Pilosocereus gounellei*, da *Hohenbergia catingae*, da *Libidibia ferrea* var. *ferrea* e da *Ceiba graziovii*.

Fonte: Acervo do Recife de Antigamente.

A Praça Euclides da Cunha foi, e ainda é, um dos projetos mais polêmicos de Burle Marx. Na década de 1930, muitos recifenses, liderados pelo jornalista Mário Carneiro do Rego Melo, então secretário do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, reagiram ao entender que um jardim com tais características seria uma tentativa de devolver a cidade para a selva.

Com a criação da praça, Burle Marx concretiza seu objetivo ora exposto no Diário da Tarde de 1935, que era dar a Pernambuco, em matéria de jardim, algo sólido e definitivo para se apresentar a prosperidade, dentro de uma expressão artística, cultural e de bom senso.

Considerações

A visão holística de Burle Marx sobre a paisagem, no momento de projetar seus primeiros jardins públicos, foi fundamental para estabelecer seus princípios projetuais. Assim, em tais jardins, sempre encontraremos a preocupação higiênica e educativa subordinada a uma ideia geral de estética. Onde, a par da sombra de grandes árvores – nossa vista se alegra e delicia na contemplação de uma variedade de plantas nativas, belas e exóticas, dispostas harmoniosamente.

Assim, a modernidade chega aos jardins tendo como protagonista a vegetação autóctone e a valorização das naturalizadas que compõem a paisagem. Do litoral ao sertão – das águas à secura – esculturas de figuras humanas típicas, que dão identidade a algumas regiões brasileiras, como por exemplo, o índio e o sertanejo, são destaques na composição de alguns jardins para evocar a brasilidade. A importância que Burle Marx deu ao efeito desse elemento também estava no sentido de que a imobilidade serena se acentua contrastando com o dinamismo e as transformações perpétuas da vegetação (SILVA, 2017).

A diversidade vegetal que Burle Marx empregou na Praça Euclides da Cunha possibilitou que a cidade do Recife ganhasse destaque como símbolo de cidade moderna, nos principais jornais do Brasil, nos anos de 1930. De extrema beleza e também por suas peculiaridades, as espécies vegetais dividiram as opiniões dos recifenses por evocarem dúvidas de sua potencialidade estética para configurar um jardim público.

Ao importar ou coletar espécies com indivíduos já adultos, e muitas vezes com mais de 3m de altura, Burle Marx não esperou o jardim chegar à sua maturidade para mostrar seu esplendor. Ao colocar como prioridade o *valor de observar, de ver*, Burle Marx com seu olhar de artista sobre nossas florestas – e também com o filtro da fitoassociação – selecionou espécies que pela primeira vez foram usadas em um projeto de jardim (SILVA, 2017). A questão ainda é mais forte quando se fala nas cactáceas, tanto que levou o filósofo francês Jacques Leenhardt a afirmar que Burle Marx deu a essas espécies o direito à cidadania “[...] na prática paisagística da época.” (2006, p. 42).

A admiração por esses jardins levou intelectuais, a exemplo do engenheiro e poeta Joaquim Cardozo, a considerar o trabalho de Burle Marx como uma realização de uma estrutura das mais amplas e variadas e que tudo isso foi feito em meio a uma luta tenaz para que o seu ponto de vista fosse aceito por ser o mais certo.

Quando se busca um referencial de jardim moderno, é na cidade do Recife que se vai encontrar. É impossível tentar entender a obra paisagística de Burle Marx, seu pensamento, sem antes beber na nascente, porque é onde estão seus primeiros

pensamentos. Até mesmo porque o próprio Burle Marx, durante o *Seminário de Tropicologia* de 1985, afirmou que sua experiência no Recife foi fundamental para o rumo que tomou sua atividade profissional e que foram válidas e determinantes na maneira de projetar jardins.

Recebido em: 16/04/2018

Aprovado em: 18/04/2018

NOTAS

1. Além da Praça Euclides da Cunha, foram tombadas como patrimônio cultural nacional pelo Iphan a Praça de Casa Forte (1935), o conjunto Jardim do Palácio do Campo das Princesas e Praça da República (1936), Praça do Derby (1936), Praça Faria Neves (1957) e Praça Ministro Salgado filho (1958).
2. Também foram classificados como jardim históricos, além da Praça Euclides da Cunha, os seguintes sítios projetados por Burle Marx: Praça de Casa Forte (1935), Praça Artur Oscar (1936), conjunto Jardim do Palácio do Campo das Princesas e Praça da República (1936), Praça do Derby (1936), Praça Maciel Pinheiro (1936), Praça Chora Menino (Praça Coração de Jesus) (1936), Largo da Paz (1936), Praça do Entroncamento (1936), Praça Pinto Damaso (1936/1937), Largo das Cinco Pontas (1936/1937), Praça Dezesete (1937), Jardim da Capela da Jaqueira (1951), Praça Faria Neves (1957) e Praça Ministro Salgado filho (1958).
3. Cladódio: Caules regulares de algumas espécies de cactáceas.
4. A Caatinga *lato sensu* compreende as áreas de vegetação arbóreas e arbóreo-arbustivas presentes em encostas e topos das chapadas e serras com mais de 500m de altitude e que sofrem influências de chuvas orográficas (Leal et al., 2005 e Andrade-Lima, 1981).
5. A Caatinga *stricto sensu* se refere às formações vegetais tipicamente xerófitas, predominantemente uma forma de floresta baixa sazonalmente seca, que ocorre na região de clima semiárido do Nordeste do Brasil. A vegetação é esparsa, espalhando-se pelos maciços e tabuleiros por onde correm rios, em geral, intermitentes (Flora do Brasil 2020 – Refflora, Jardim Botânico do Rio de Janeiro).
6. Naturalista alemão, iniciou estudos botânicos no Instituto de Fisiologia Vegetal da Universidade de Munich. Enviado pela Academia Bávara de Ciências, chega ao Brasil em janeiro de 1910 com o objetivo de estudar a flora brasileira. No Rio de Janeiro, inicia as coletas botânicas na Serra dos Órgãos e é nomeado jardineiro-chefe do Museu Nacional, mas não tomou posse. Em 1911, foi designado para lecionar a 3ª cadeira de Botânica e Fisiologia da Escola Agrícola de São Bento das Lages, Bahia. Ainda em 1911, foi nomeado pelo Dr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, então Inspetor da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, como Botânico da Inspetoria para estudar a extensa área nordestina atacada pela seca e, em 1913, tornou-se titular da Seção de Botânica. De 1920 a 1921, inicia suas expedições em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Em 1922, regressa à Alemanha com 47 caixotes de exsicatas destinadas ao Museu Botânico da Baviera e dedicou-se ao preparo da obra *Estudo botânico do Nordeste*. Entre os anos de 1933 a 1937 ficou a maior parte do tempo no Crato (Ceará) e em São Gonçalo (Paraíba) onde desenvolveu estudos na Serra do Araripe e arredores (Silva Junior, 1929 e Paiva, 2003).
7. Higrófila: Espécies que necessitam de grande umidade para seu estabelecimento.
8. Vegetação megatérmica: presentes nas regiões de climas equatoriais ou tropicais.
9. Xerófila: Espécies que convivem em ambientes árido, de pouca umidade.
10. Hidrófila: Espécies adaptadas à presença constante de água.

FONTES

CORREIO PAULISTANO. A primeira realização da architecture moderna em São Paulo, p.3, 08.07.1928.

DIARIO DA MANHÃ. A Prefeitura do Recife trabalha: um índice dos serviços municipais, 21.07.1935, p.1 e 19.

DIARIO DA MANHÃ. Os novos jardins do Recife. 16.02.1936, p. 8.

DIARIO DA TARDE. *Jardins e Parques do Recife*: Roberto Burle Marx para o Diario da Tarde, 14.03.1935, p.1.

DIARIO DE PERNAMBUCO. *Projeto para um jardim no Largo do Bemfica, Magdalena*. Recife, 08.11.1931, p. 5.

DIARIO DE PERNAMBUCO. *Cousas da Cidade*: parques infantis. Recife, 02.06.1935, p. 2.

DIARIO DE PERNAMBUCO. *Cousas da Cidade*: o plano do jardim da Magdalena. Recife, 17.03.1935, p2.

DIARIO DE PERNAMBUCO. *As futuras instalações do Club Internacional*: Como expõe o plano de reforma um de seus directores, 01.05.1937a, p. 10.

DIARIO NACIONAL. *Moderniza-se a nossa architecture*: uma realização completa que representa muito bem o conceito de renovação artística, 17.06.1928, p.8.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. *São Paulo e a architecture nova*, set. 1929.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Dos tabuleiros do Norte para os jardins da cidade, nov. 1936, p 22.

JORNAL PEQUENO. *A esthetica da cidade*: o jardim da estação central e o Largo do Bemfica, 02.12.1932, p.1.

O CRUZEIRO. *Jardins de Pernambuco*, 16.04.1936, p. 26-27.

REFERÊNCIAS

CARDOZO, Joaquim. (1973). A Diretoria de Arqutetura e Urbanismo (DAU): Olhada de um ponto de vista atual. In: MACEDO, Danilo Matoso; SOBREIRA, Fabiano José Arcadio. *Forma e estética*: Ensaios de Joaquim Cardozo sobre arquitetura e engenharia. Brasília: Edições Câmara, 2009. p. 171-176. (Arte e cultura, n. 6).

CARTA DE FLORENÇA (1981). In: CURY, I. (Brasil). *Cartas Patrimoniais*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p. 253-258. Edições do Patrimônio.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1909.

DOURADO, Guilherme Onofre Mazza. *Modernidade verde*: Jardins de Burle Marx. 2000. 254f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.

GUERRA, Abílio. *Lucio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: síntese entre arquitetura e natureza tropical*. Arqtextos, São Paulo, n. 3, p.17-23, 06 out. 2002. Mensal.

GIEDION, Sigfried. Le Brésil et l'architecture contemporaine. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, ano.23, n. 42/43, 1952, p. 3.

LEENHARDT, Jacques. O jardim: jogos de artifícios. In: LEENHARDT, Jacques. *Nos jardins de Burle Marx*. São Paulo: Perspectiva S.A., 2006, p. 7-46.

MAFRA, Fátima. *Natureza organizada é obra de arte: Roberto Burle Marx em Recife*. 107f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

MARX, Roberto Burle. *Arte e Paisagem*. São Paulo: Nobel, 1987.

PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas e o Ceará: IX – Philipp Von Luetzelburg (1880-1948). *Revista do Instituto do Ceará*, 2003, p. 41-53.

SILVA, Joelmir Marques da. *Integridade visual nos monumentos vivos: os jardins de Burle Marx*. 224f. Dissertação (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

VELOSO, Maisa; VIEIRA, Natália. Arte Moderna na Arquitetura e no Urbanismo recifenses - síntese e paradoxos, no ontem e no hoje: uma análise através de algumas das obras de Abelardo da Hora e Francisco Brennand. In: 8º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2009, Rio de Janeiro. *Anais...*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.